



Saber para Reagir em Português: durante evento em Salvador, mulheres com HIV elaboram plano regional, carta para gestores e discutem como monitorar suas ações

ENVIAR | IMPRIMIR | A+ A-



07/07/2011 - 13h15

__Crédito fotográfico: Mônica Côrtes

Ao todo, são 33 mulheres que, em Salvador, trocam ideias, impressões e experiências com um único objetivo: melhorar o atendimento às pessoas vivendo com HIV no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa.

Na manhã desta quinta-feira, os trabalhos foram direcionados em três grupos de discussões: um plano de ação regional; a elaboração de uma carta para gestores com uma agenda de

advocacy regional do Movimento Nacional de Cidadãs Positivas (MNCP) e um projeto de monitoramento, uma espécie de observatório regional que vai acompanhar o desenvolvimento das ações pactuadas em cada um dos nove estados do Nordeste e socializar as conquistas alcançadas pelas mulheres com HIV.

Para chegar a tudo isso, elas se dividiram em grupos e conversaram muito durante a manhã. Falaram das dificuldades que enfrentam no cotidiano de seus tratamentos nos municípios e nas capitais do Nordeste do Brasil. Querem construir ações entre os grupos estaduais para que se estabeleça um diálogo que alimente as atitudes de mudança na região.

"A reunião tem que ter fruto de ação, para que não se acabe em si mesma", comentou Jacqueline Côrtes, assessora técnica do Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV e Aids (UNAIDS).

Um dos momentos mais interessantes foi a construção da carta para os gestores. Todas participantes levantaram problemas e propuseram soluções. Houve, inclusive um momento de "ensaio". "É o instante que a gente concentra para saber como vamos vender o nosso peixe aos gestores", explicou Nair Brito, uma das coordenadoras do MNCP.

O encontro e a pauta de reivindicações para os gestores promete. "Ou a gente se fortalece politicamente ou vamos ficar se encontrando todo ano e contando casos", ressaltou, com sabedoria, Socorro Freitas, que vive em Teresina, no Piauí.

Ela se infectou há 16 anos e já enfrentou de tudo um pouco. "Desde o medo de ficar sozinha até o medo de discriminação". Ela disse também que já se sentiu preterida por ser mulher e viver com o vírus. "Olha, a gente é assediada moralmente no trabalho e na vida".

Socorro é assistente social e está em Salvador para, como ela disse, "ajudar" nossos gestores aqui e na África a terem um outro olhar para as mulheres com aids no mundo.

De Salvador, Roseli Tardelli

A jornalista Roseli Tardelli acompanha o evento "Saber para reagir em língua portuguesa" com o apoio do UNAIDS e do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.